



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



**CONSTRUINDO PONTES: A GEOGRAFIA COMO MEIO DE INCLUSÃO DE
ALUNOS SURDOS NA ESCOLA**

Edivam da Silva Batista

Ouro Preto – MG

2024

EDIVAM DA SILVA BATISTA

**CONSTRUINDO PONTES: A GEOGRAFIA COMO MEIO DE INCLUSÃO DE
ALUNOS SURDOS NA ESCOLA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de Ouro Preto,
como requisito básico para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia.**

Prof. Dr. William Fortes Rodrigues

Orientador

Ouro Preto – MG

2024



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
CENTRO DE EDUCACAO ABERTA E A DISTANCIA - CEAD
COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA - MODALIDADE
A DISTANCIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Edivam da Silva Batista

Construindo pontes: a Geografia como meio de inclusão de alunos surdos na escola

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia

Aprovada em 05 de dezembro de 2024

Membros da banca

Prof. Dr. William Fortes Rodrigues - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Marta Bertin - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Marta Bertin, Coordenadora do Curso, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/12/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marta Bertin, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**, em 09/12/2024, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0825045** e o código CRC **66ED9F80**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio incondicional em cada etapa desta jornada. Em especial a minha mãe, que sempre acreditou em minha capacidade e me apoiou com dedicação e compreensão, foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente com confiança. Seu exemplo de força e perseverança continua a ser uma inspiração diária para mim.

Às minhas irmãs, que não mediram esforços para me auxiliar nos momentos em que mais precisei, aos meus amigos e colegas que de alguma forma estiveram comigo, expresso a minha mais profunda gratidão. Seja nos momentos de alegria ou nos desafios, a amizade e o companheirismo de vocês foram verdadeiros pilares de apoio. Acredito firmemente no poder transformador da educação, ter compartilhado essa crença com pessoas tão especiais é motivo de grande satisfação e tornou essa caminhada ainda mais importante.

Cada palavra de incentivo, cada gesto de amizade e cada troca de experiências foram cruciais para que eu chegasse até aqui. A todos que de alguma maneira contribuíram para essa conquista, meu sincero muito obrigado. Esta realização não é apenas minha, mas de todos que estiveram ao meu lado e confiaram em meu potencial.

RESUMO

O presente estudo se propôs a investigar os desafios e impactos da surdez na aprendizagem de alunos surdos no contexto escolar, com ênfase na inclusão educacional por meio da Geografia e da Libras (Língua Brasileira de Sinais). A pesquisa buscou identificar as barreiras linguísticas, pedagógicas e sociais enfrentadas por esses alunos, analisando as políticas públicas e práticas educacionais destinadas à inclusão. Além disso, explorou o potencial da Geografia e da Libras como ferramentas para promover uma educação inclusiva, propondo estratégias de ensino que atendessem às necessidades específicas dos alunos surdos. A fundamentação teórica se apoiou em estudos que destacaram a importância da Libras, da cultura surda e da formação docente especializada para a construção de uma escola mais acessível e acolhedora. O trabalho adotou uma abordagem qualitativa, com revisão de literatura e análise de conteúdo de obras relevantes, valorizando as contribuições de autores renomados procurando sintetizar as principais tendências e debates sobre o tema. Com o objetivo de contribuir para a melhor compreensão dos processos de inclusão escolar de alunos surdos, oferecendo subsídios teóricos e práticos para a superação das barreiras que ainda persistem no sistema educacional brasileiro.

Palavras-chave: Geografia, Libras, Alunos surdos.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the challenges and impacts of deafness on the learning of deaf students in the school context, emphasizing educational inclusion through Geography and Libras (Brazilian Sign Language). The research sought to identify the linguistic, pedagogical, and social barriers faced by these students, analyzing public policies and educational practices aimed at inclusion. Additionally, it explored the potential of Geography and Libras as tools to promote inclusive education, proposing teaching strategies tailored to the specific needs of deaf students. The theoretical foundation was based on studies that highlighted the importance of Libras, Deaf culture, and specialized teacher training for building a more accessible and welcoming school environment. The study adopted a qualitative approach, including a literature review and content analysis of relevant works, valuing the contributions of renowned authors and aiming to synthesize the main trends and debates on the subject. It sought to contribute to a better understanding of the processes of school inclusion for deaf students, offering theoretical and practical support to overcome the barriers that still persist in the Brazilian educational system.

Keywords: Geography, Libras, Deaf students.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1 A surdez e sua contextualização.....	10
2.2 Contextos históricos e contemporâneos de um processo de ensino de estudantes surdos.....	10
2.3 Os desafios enfrentados pelos educadores e alunos surdos no processo de ensino.....	15
2.4 Função docente e a utilização de recursos didáticos.....	17
3. CONCLUSÃO.....	18
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20

CONSTRUINDO PONTES: A GEOGRAFIA COMO MEIO DE INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NA ESCOLA

Edivam da Silva Batista

1. INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos surdos no ensino regular é um tema de crescente relevância no cenário educacional brasileiro. Apesar dos avanços legais e sociais das últimas décadas, ainda persistem diversos desafios que impedem a plena participação desses alunos no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Brelaz et al. (2023, p. 25979), os estudantes surdos, estão cada vez mais presentes nas instituições de ensino desde o ensino básico até o ensino superior. No entanto, estes estudantes enfrentam frequentemente dificuldades relacionadas às metodologias de ensino utilizadas pelos educadores nas instituições de ensino.

Conforme aponta Lacerda (2006, p. 165), as dificuldades relacionadas à linguagem resultam em um atraso escolar significativo para crianças surdas, as quais apresentam desenvolvimento insuficiente e um nível de conhecimento abaixo do esperado para a faixa etária. Dessa forma, torna-se imprescindível a criação de propostas educacionais que atendam especificamente às necessidades desse público, promovendo o pleno desenvolvimento de suas habilidades.

Este estudo buscou compreender os desafios e impactos da surdez na aprendizagem de alunos surdos no contexto escolar, com foco nas perspectivas para a inclusão com o apoio da Geografia. A investigação se propôs a analisar as barreiras linguísticas, pedagógicas e sociais que os alunos surdos enfrentam na escola, bem como as estratégias e ferramentas, incluindo a Libras, que podem ser utilizadas para promover a sua inclusão e aprendizagem.

A escolha da Geografia como área de apoio à inclusão se justifica por sua capacidade de promover o desenvolvimento de habilidades essenciais para a comunicação e interação social, como a leitura de mapas, a compreensão de diferentes culturas e a construção de uma visão espacial do mundo. Acredita-se que a Geografia possa contribuir para a superação das barreiras à aprendizagem dos alunos surdos, possibilitando-lhes uma participação mais ativa e proativa no processo educativo. Nogueira (2016, p. 284-289) discute como o lúdico pode ser usado na inclusão escolar, relatando a aplicação de jogos didáticos no ensino de temas de Geografia, como região, espaço, território, lugar e meio físico, com ênfase na inclusão dos estudantes. Eles descrevem que esses jogos foram confeccionados pelos próprios alunos,

orientados por professores, com materiais acessíveis, como papelão, E.V.A. (Etileno Acetato de Vinila), sementes e algodão. Além disso, detalham o desenvolvimento de um livro geográfico tátil, feito especialmente para alunos com diferentes tipos de deficiência, incluindo visual, intelectual e auditiva.

Com o objetivo de investigar os desafios e impactos da surdez na aprendizagem de alunos surdos no contexto da educação brasileira, com foco na inclusão educacional e no papel da Geografia e da Libras como ferramentas facilitadoras, a fim de contribuir para a construção de uma escola mais acessível e acolhedora, foi abordado os seguintes objetivos específicos: Identificação das principais barreiras linguísticas, mediante estudo detalhado de artigos acadêmicos, pedagógicos e sociais que os alunos surdos enfrentam na escola, considerando a utilização da Libras como meio de comunicação eficaz; Exame das políticas públicas e práticas educacionais existentes para a inclusão de alunos surdos, e auxílio no planejamento das aulas, programando ações que contemplem as especificidades de cada um; Explorando o potencial da Geografia por meio de adequações e estratégias diversificadas de ensino, aliada à Libras, como ferramentas promotoras da inclusão e aprendizagem de alunos surdos.

O trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica abrangente de artigos acadêmicos e científicos, consultando bases de dados online, além de artigos, livros, dissertações e teses, incluindo material adaptado em Libras, quando disponível, que abordam o ensino de Geografia para estudantes surdos. Foram utilizados fichamentos de conteúdo e resumos descritivos com o objetivo de sintetizar as principais ideias das obras analisadas. A análise das fontes coletadas é de natureza qualitativa, empregando a técnica de análise de conteúdo, que também considerou materiais em Libras, quando aplicável. Essa técnica permitiu um exame aprofundado dos conceitos presentes nas obras, revelando padrões, tendências e relações complexas entre os diferentes autores. A organização dos dados em categorias temáticas facilitou a sistematização da análise e a identificação dos principais pontos de convergência e divergência entre as obras.

A pesquisa embarcou em uma jornada de imersão nas obras de autores renomados, buscando desvendar suas perspectivas sobre a inclusão de alunos surdos no contexto escolar e o papel crucial da Geografia nesse processo. Cada autor foi analisado individualmente, valorizando a riqueza e as nuances de suas ideias, sem pressa para evitar comparações superficiais. Essa abordagem metódica permitiu um exame cuidadoso de cada obra, revelando os detalhes e sutilezas que enriqueceram o estudo.

Somente quando necessário, durante a revisão, foram realizadas comparações entre autores por afinidades. Essa análise comparativa, guiada por critérios rigorosos, buscou identificar padrões e tendências, tecendo um mosaico de conhecimentos que contribuíram para a compreensão mais abrangente do tema.

Para garantir a qualidade e a relevância da pesquisa, foram utilizados critérios rígidos, como originalidade, clareza, qualidade dos artigos, relevância para o público-alvo, na seleção das fontes. Obras de autores renomados e instituições de pesquisa respeitadas foram priorizadas, assegurando a confiabilidade das informações. Além disso, a busca por fontes atualizadas permitiu que a pesquisa refletisse os avanços mais recentes na área de estudo, garantindo sua relevância no contexto atual.

As conquistas obtidas pelos grupos de pessoas surdas, se deram mediante as políticas públicas que visam garantir o que é de direito de todos, reconhecendo que os surdos são sujeitos ativos e estão presentes na sociedade. Pasian e Da Rocha (2023, p. 10) ressaltam que, embora tenha havido avanços, ainda existem desafios significativos a serem superados. Embora os números mostrem um crescimento percentual dentro do grupo de estudantes surdos e com deficiência auditiva, a comparação com os estudantes em geral revela uma discrepância. Conforme discutido por Gomes et al. (2024, p. 51), o estudante surdo está presente no cotidiano das escolas brasileiras, evidenciando a necessidade de inclusão efetiva no ambiente educacional. De acordo com o Relatório Mundial da Audição da Organização Mundial da Saúde, publicado em 2021, aproximadamente 1,5 bilhão de pessoas no mundo apresentam algum grau de deficiência auditiva. No Brasil, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que mais de dez milhões de pessoas são surdas. Contudo, mesmo com a legislação que assegura o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais), esses indivíduos ainda enfrentam diversas barreiras para acessar serviços básicos oferecidos por empresas, órgãos públicos e entidades, conforme relatado pelo IBGE.

Abordando posteriormente o ensino de geografia e suas contribuições por proporcionarem entendimento da complexidade do mundo, sua dinâmica e diversidade, passando pelas múltiplas relações que são dispostas entre o ser humano e o meio, nos diferentes aspectos naturais, de ordem social, política, econômica e cultural.

Ressalta-se também a necessidade de que o modelo educacional vislumbre a importância de desenvolver um ensino que proporciona mais oportunidades aos alunos com deficiência, com o intuito de promover a comunicação e o diálogo entre e sobre as diferenças. Sendo assim, o uso dos recursos didáticos são instrumentos eficazes na comunicação e no desenvolvimento dos estudantes surdos.

Porém, como nos lembra Norberto (2017, p.18), antes de ensinar Geografia, é fundamental que o professor compreenda tanto o aluno surdo quanto o ouvinte como indivíduos inseridos em contextos sociais. O aluno carrega uma grande energia e desejos que ultrapassam as limitações oferecidas pela escola. Assim, a avaliação do comportamento desse aluno não deve se basear em uma perspectiva negativa, como a de considerá-lo desinteressado pelo aprendizado. É essencial considerar em que etapa de desenvolvimento ele se encontra. No caso do aluno surdo, o professor e os demais membros da equipe escolar devem estar cientes de que ele possui uma língua e uma cultura distintas das do aluno ouvinte.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A surdez e sua contextualização

A surdez é um tema ainda pouco explorado na literatura especializada brasileira, em comparação às outras deficiências. Por um longo período de tempo, a perda sensorial da visão e audição, simultaneamente, caracterizou-se mediante os aspectos da múltipla deficiência, e não da compreensão de uma deficiência específica, com particularidades e características próprias (Mori; Sander, 2015).

Mori e Sander (2015) salientam ainda que atualmente no Brasil, dados mostram uma quantidade expressiva de pessoas surdas recebendo atendimento.

A história da surdez no Brasil ainda é muito recente, datada de 1953, quando o país recebeu a mundialmente conhecida Helen Keller. Porém no “Manual do Recenseador - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1990, a descrição de surdez, considera somente pessoa com deficiência aquela com perdas sensoriais totais”. Ou seja, neste documento, as perdas parciais não são consideradas nem mesmo quando existe conjuntamente, como a surdez. Por isso a necessidade de estar constantemente atualizando as informações pertinentes sobre as deficiências (Mori; Sander, 2015).

2.2 Contextos históricos e contemporâneos de um processo de ensino de estudantes surdos

A educação de alunos surdos no ensino de Geografia exige reflexões aprofundadas, considerando as singularidades e necessidades educacionais específicas dessa população, conforme enfatiza Callai (2004, apud Brelaz et al. 2023):

A escola tem por obrigação estar preparada para receber o aluno surdo e conseqüentemente a sua cultura e assim reconhecê-la, “também particular/singular, que são os sentimentos, os valores, que vão sendo escritos

no espaço e vão nos educandos”. (Callai, 2004, p. 5 apud Brelaz et al., 2023, p. 25983).

A metodologia de ensino do estudante surdo no Brasil é caracterizada por períodos de preconceitos com esse público, como as pessoas surdas os estudantes eram colocados à margem dos seus direitos no que diz respeito à cultura, a economia, ao social e a educação, pois na visão da sociedade os mesmos eram considerados incapazes de aprender (De Lima et al., 2020).

Brelaz et al. (2023) ressalta a Libras como ferramenta fundamental para a mediação do aprendizado de alunos surdos no ensino de Geografia. A língua de sinais possibilita a comunicação eficaz, a construção de conhecimentos e a expressão da identidade surda. A pesquisa dos autores demonstra a efetividade de métodos visuais, como mapas e gráficos adaptados em Libras, para facilitar a compreensão dos conteúdos geográficos.

A autora enfatiza a necessidade de utilizar a Libras como língua de instrução no ensino de Geografia, promovendo a inclusão e o acesso equitativo ao conhecimento. O reconhecimento da cultura surda e a adaptação dos materiais didáticos para essa língua são aspectos essenciais para uma educação de qualidade e que respeite as diversidades.

Nogueira (2016) aborda os desafios da inclusão escolar no contexto do ensino de Geografia para alunos surdos. A autora destaca a importância da acessibilidade curricular, que se traduz na adequação dos conteúdos, métodos e materiais didáticos às necessidades específicas dos alunos surdos. Nesse sentido, a formação docente especializada é fundamental para garantir a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e eficazes.

Nogueira (2016) também ressalta que muitos professores ainda não estão preparados para lidar com as especificidades da surdez no ambiente escolar, o que dificulta a inclusão desses alunos. Essa realidade exige investimentos na formação inicial e continuada dos professores, com foco no ensino de Geografia para alunos surdos, na Libras e na cultura surda.

As obras de Brelaz et al. (2023), Reis (2017) e Nogueira (2016) convergem em três pontos cruciais para a educação de alunos surdos no ensino de Geografia. A Libras como língua de instrução deve ser utilizada como principal meio de comunicação e ensino, reconhecendo sua importância na construção da identidade surda e no acesso ao conhecimento.

A acessibilidade curricular onde os conteúdos, métodos e materiais didáticos precisam ser adaptados à realidade dos alunos surdos, considerando suas necessidades visuais e linguísticas. E a formação docente específica, cuja formação inicial e continuada dos

professores deve contemplar o ensino de Geografia para alunos surdos, a Libras e a cultura surda, preparando-os para lidar com as particularidades dessa população e promover uma educação inclusiva de qualidade (Mori; Sander, 2015).

O estudo apresentado por Nogueira (2016) traz um relato valioso de experiências vivenciadas ao longo de cinco anos de prática docente em escolas públicas da Grande Florianópolis. A autora compartilha suas vivências e reflexões sobre o ensino de Geografia para alunos surdos, oferecendo subsídios alternativos para educadores que enfrentam realidades semelhantes.

As experiências da autora demonstram a importância da criatividade, da flexibilidade e do compromisso com a inclusão para garantir o sucesso do processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos. Nogueira (2016) enfatiza a necessidade de adaptar as práticas pedagógicas às características individuais de cada aluno, valorizando suas experiências e conhecimentos prévios.

A educação de alunos surdos no ensino de Geografia requer um olhar atento às suas necessidades específicas, valorizando a Libras, a cultura surda e a promoção da acessibilidade curricular. A formação docente especializada é fundamental para garantir práticas pedagógicas inclusivas e eficazes, que possibilitem o aprendizado significativo e o desenvolvimento pleno dos alunos surdos.

Bezerra e Furtado (2020, p. 4), lembram que “[...] não por acaso, a primeira Apae [Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais] surgiu na cidade do Rio de Janeiro, à época Distrito Federal, em dezembro de 1954”. Neste período as instituições foram falhas devido ao fato de não compreender os princípios necessários para ensinar pessoas surdas, devido a pouca compreensão de suas especificidades e falta de conhecimento do cotidiano dos estudantes por parte dos educadores, de forma que a escola no mundo contemporâneo não é atraente para esses indivíduos, devido à falta de preparo para atendê-los, impossibilitando que sejam capazes de explicar e contextualizar as leituras e dimensões da vida, pois durante um longo tempo as pessoas com deficiência ficaram escondidas da convivência com a sociedade, sendo apenas acompanhados por seus familiares (Cabral; Córdula, 2017, p. 36).

Os direitos de aprendizagem para pessoas surdas, estão assegurados por lei na Constituição Federal. A lei 10.436, 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: em seu Art. 1º diz que é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. O decreto nº 5.296/2004 garante também a concepção e a implantação de projetos arquitetônicos e urbanísticos segundo os princípios do desenho universal, com base nas normas técnicas de acessibilidade da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). (Brelaz et al., 2023, p. 25).

Podendo então, afirmar que este Decreto também estabelece a acessibilidade dos serviços de transporte coletivo, a comunicação e a informação. O Decreto nº 5.626/05 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a Lei nº10. 436/2002, focando na inclusão dos estudantes surdos, instituindo a inclusão da Libras como uma disciplina. Embora sejam direitos que estejam impressos em forma de lei, infelizmente não são respeitados completamente, afetando o processo de ensino dos estudantes surdos.

O ser humano se constrói ou se forma mediante as relações sociais com outras pessoas e que tais interações são mediadas pela linguagem. Para reforçar a importância da interação e mediação no aprendizado, De Lima et al. (2020) afirmam que:

O aprendizado surge por meio de processos interativos e com atos de ligação, desenvolvendo-se em ambientes diversos. Por isso a importância da escola ser a geradora de motivações para estabelecer inter-relações e produzir aprendizagens e o educador, tornar-se o mediador deste processo. (De Lima et al., 2020, p. 03).

Rocha e Oliveira (2022, p. 14 apud Pasian e Da Rocha, 2023, p. 9), analisam que ao abordar as barreiras atitudinais, um dos desafios mais significativos enfrentados globalmente é entender que as diferenças são uma parte essencial da natureza humana. Nesse contexto, a legislação desempenha um papel importante ao promover a interação e o respeito às diversidades em diversos espaços sociais.

Dos Reis (2017), defende a consciência de que o estudante surdo não seja visto como um deficiente, mas uma pessoa que possui sua própria cultura, onde é necessário possibilitar meios de ensino, preparando-o para enfrentar desafios de forma que possa ser visto pelo lado da diferença e não pelo lado da surdez. Nesse sentido, a autora destaca:

Fazer parte da comunidade, não é o mesmo que ser surdo. Pois ser surdo é nascer e vivenciar a experiência de estar sendo surdo, na interação com seus pares, por meio da comunicação, das piadas, brincadeiras e encontros, de uma maneira que só o surdo compartilha culturalmente. Ser surdo na sociedade atual é também ter que enfrentar desafios e quebrar paradigmas, é mostrar que a pessoa surda é capaz de muito mais, ter uma postura crítica e buscar sua representação política frente à sociedade ouvinte. (Dos Reis, 2017, sem paginação).

O ensino geográfico busca transformar o seu método para possibilitar um público que aos poucos conquista seu espaço no ambiente educacional superior, assim abrindo novas possibilidades de aprendizagem, para o estudante e para o educador, o qual precisa estar preparado para ensinar os estudantes independentemente das condições (De Lima et al., 2020, p. 85).

A Geografia nesse contexto tem a finalidade preparar os estudantes para o mundo e para a vida, tornando-se capaz de enfrentar os desafios que surgiram, pois independentemente do estudante ser surdo ou ouvinte, conseguem entender os conteúdos pelo mesmo recurso destacando a função do educador como facilitador do seu ensino-aprendizagem, exercendo seu dever. “[...] é função da Geografia preparar o estudante para uma leitura da produção social e espacial, repleto de contradições” (Dos Reis, 2017, p. 152).

Conforme argumentam De Lima et al. (2020, p. 8-9), o ensino de Geografia contribui significativamente para que o aluno Surdo não apenas compreenda a realidade ao seu redor, mas também a questione e atue sobre ela. Essa abordagem permite que ele reconheça seu papel como agente transformador do espaço geográfico, ultrapassando a simples absorção do conhecimento e desenvolvendo habilidades críticas e criativas que possibilitam modificar e aprimorar o ambiente onde vive. Esse enfoque reflete a importância de metodologias inclusivas e críticas no ensino de Geografia, especialmente no caso de alunos surdos, que frequentemente enfrentam barreiras no acesso à educação. Ao reconhecer o estudante como protagonista do espaço, a disciplina valoriza sua capacidade de ação e ressignificação da realidade, reforçando a relação entre inclusão, autonomia e cidadania.

Segundo Vesentini (2009, apud Brelaz et al. 2023, p. 25985), atualmente “o ensino de geografia deve ser dinâmico, participativo e sobretudo formador de uma sociedade ativa”, fazendo com que os estudantes formem suas próprias concepções e raciocínios no que se refere ao espaço de vivência.

Neste contexto, Cabral e Córdula (2017) afirmam que compreender o espaço geográfico requer desenvolver uma percepção espacial, característica própria da geografia, que possibilita uma aprendizagem eficaz ao valorizar o movimento, o contexto e o cotidiano.

É função do educador refletir, se de fato a metodologia utilizada por ele surte efeitos positivos dentro do que está sendo ensinado. Por isso a importância de utilizarem-se diversas linguagens tecnológicas e recursos pedagógicos como mapa, maquete, entre outros, proporcionando aulas criativas, trabalhando o lúdico e atraente segundo a realidade da instituição de ensino e da comunidade, possibilitando o desenvolvimento do raciocínio espacial (Pasian; Da Rocha, 2023, p. 11).

“O educador deve possuir um cunho multididático” para oferecer aos estudantes a possibilidade de interagir no processo de ensino. Assim cabe ao educador refletir sobre suas metodologias, desconstruindo a visão errônea que se construiu da Geografia, sendo capaz de superar as dificuldades apresentadas em relação a ensino-aprendizagem e os diversos métodos

de ensino que sejam iguais para todos os estudantes independentemente de serem ouvintes ou surdos (De Lima et al., 2020, p. 17).

2.3 Os desafios enfrentados pelos educadores e alunos surdos no processo de ensino

A aprendizagem de estudantes surdos requer metodologias que tornem os conteúdos relevantes e acessíveis, adaptando o processo educacional para atender às suas especificidades. Nesse sentido, Almeida (2015) salienta que “fazer com que os conteúdos ganhem significados para os estudantes surdos é possível,” e isso transcorre pela metodologia que será abordada pelo educador dentro da sala de aula. Assim, a aprendizagem do estudante surdo ocorre de forma gradual, porém rica em significados.

Oportunizar meios e possibilitar oportunidades do estudante se preparar para a vida, enquanto cidadão. Pois a Geografia possui particularidades de orientação de seus adeptos para uma jornada onde suas visões não estejam limitadas a ser massa trabalhista, apresentando visões críticas do mundo em que vive, transformando-se em cidadãos ativos na sociedade a qual pertencem. Ou seja, o conhecimento a ser adquirido no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se situa no educador ou na ciência a ser “ensinada”, mas sim no real, no meio onde o estudante e o educador estão situados. Sendo assim, integrar o estudante no meio, quer dizer, deixá-lo descobrir que tipo de cidadão pode se tornar (Norberto, 2017, p. 63).

O educador necessita e precisa estar continuamente se preparando, pois é ele que faz a ponte de ligação no processo de ensino e aprendizagem do estudante. No que diz respeito ao ensino da Geografia esse processo, é mais difícil, pois as vertentes Humanas e Físicas de ensino são ensinadas separadamente, porém se tornam completas ao se juntarem.

Da Silva e Moreira (2013) abordam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como elemento essencial na formação da identidade pessoal e cultural da pessoa surda. Tendo como principal objetivo investigar os processos e filosofias educacionais voltados para surdos, destacando o papel da Libras na constituição da identidade e da cultura surda. A hipótese central aponta que a construção da identidade e cultura de uma comunidade ocorre por meio de variados processos sociopolíticos e culturais, sendo a comunicação e a linguagem aspectos determinantes. Nesse contexto, a ausência de fluência em Libras e no português escrito e lido pode gerar desafios socioculturais significativos para o surdo, dificultando ainda mais o desenvolvimento pleno de sua identidade pessoal e cultural. A comunicação, especialmente

por meio da linguagem de sinais, é enfatizada como indispensável para o desenvolvimento humano e cultural do surdo.

Transformar o método de ensino se torna necessário na atualidade, ao visar a participação do estudante surdo no ambiente educacional. Contudo, essa transformação não é fácil para o educador, uma vez que a Geografia contemporânea exige do estudante uma análise diversificada, bem diferente da Geografia escolar, que exige uma leitura e compreensão do espaço geográfico. Nesse contexto, torna-se cada vez mais importante o papel do educador. Como afirmam De Almeida et al. (2013):

São desafios que envolvem a formação e a capacitação de professores e profissionais da área, como exemplo o tradutor/intérprete de Libras e questão do bilinguismo que, contrapondo-se a abordagem oralista, disponibiliza ao surdo as duas línguas: Língua de Sinais e a Língua Portuguesa; uma vez que, dentro do modelo de inclusão adotado, a ausência de qualquer um destes elementos não favorece práticas inclusivas e eficazes de ensino. (De Almeida et al., 2013, p. 102-103).

Um dos maiores vilões para o educador de Geografia é fazer a contextualização do que está sendo ensinado e que o mesmo tenha significado na vida do estudante. Porém um dos grandes desafios dos cursos de formação de educadores de Geografia relaciona-se à necessidade de articulação dos conteúdos desse componente curricular com os conteúdos pedagógicos e educacionais (Norberto, 2017 p. 99).

Diante do grande desafio apresentado, Dos Reis (2017) destaca o trabalho do educador, o qual se torna o protagonista de sua prática ao utilizar métodos diferenciados em prol de ensinar além do conteúdo em si, desenvolver a participação de todos os públicos, respeitando as diferenças e o acesso à formação, oportunidades de assimilar o conteúdo de forma igualitária.

Neste contexto, afirma-se a necessidade do compromisso de toda a sociedade, seja os educadores refletindo e replanejando suas práticas pedagógicas, da família oferecendo todo apoio e suporte, e dos agentes educacionais dando suporte aos alunos nos momentos fora de sala, ao reformular o Projeto Político Pedagógico da instituição, realizando adequações para melhor atender as necessidades de cada indivíduo, além de outras adequações que demonstrem ser necessárias (De Lima; Moreira, 2013, p. 04).

Segundo Norberto (2017), o ensino de Geografia oferece ao aluno acesso a diversas abordagens pedagógicas, desenvolvendo sua habilidade de escolher conteúdos e estratégias didáticas. Além disso, estimula a criação de novas formas e métodos de ensino na disciplina.

A utilização dos recursos didáticos como método facilitador do ensino e da aprendizagem por meio da atuação do educador permite a construção e formação de

estudantes voltados para uma sociedade ativa. Assim, a partir dessa construção se ultrapassa os desafios que os estudantes surdos encontram nas instituições de ensino, convergindo às ideias que o ensino da Geografia prioriza.

2.4 Função docente e a utilização de recursos didáticos

É difícil aceitar ou até mesmo entender que em pleno século XXI, onde em sua maioria a sociedade declara que é a “era do conhecimento”, possui a necessidade de repensar suas práticas no que diz respeito a produção do conhecimento e o processo de ensino/aprendizagem dos estudantes surdos nas instituições de ensino.

Segundo Brelaz et al. (2023), a interação entre educador e estudante é fundamentada no princípio de que não há docência sem discência. Eles destacam que ambos, apesar de suas diferenças, não se limitam a ser objetos um do outro. Ou seja, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Concordando com a visão de Freire (1987), podemos afirmar que o educador se define como um sujeito em constante ação de interação com os estudantes, relação professor/aluno, a qual se dá na elaboração de conhecimentos científicos.

Nogueira (2016) reforça a ideia de que o estudante não pode ser visto de forma isolada, mas sim como alguém inserido em uma sociedade específica, pertencente a um grupo social e cultural. Essa inserção gera influências que afetam a capacidade de aprendizado do indivíduo.

Neste contexto, concordando com as ideias de Almeida (2015) podemos ressaltar que um bom educador, é aquele que almeja ter uma boa didática e aprendem a cada dia como lidar com a subjetividade dos estudantes, por meio, de sua linguagem, suas percepções e sua vivência, pois se o educador não estiver disposto a repensar sua metodologia, será incapaz de colocar problemas, desafios e perguntas relacionadas ao conteúdo, condição essa necessária para conseguir uma aprendizagem significativa e de qualidade na sociedade a qual pertencemos (Almeida, 2015, p. 197).

Por tanto, nesta prática exige-se estar longe de uma abordagem tradicional, onde a mesma se resume em dar aulas expositivas ministradas pelo educador e como resultado a memorização dos conteúdos pelos estudantes, utilizando formas avaliativas com poucos instrumentos de ponderação da aprendizagem.

Almeida (2015) destaca ainda que o uso de recursos didáticos permite que todas as pessoas se beneficiem das atividades lúdicas, que não só proporcionam diversão e prazer, mas também favorecem o processo de aprendizagem.

Ao usar a criatividade para saber explorar a realidade e assim fazer uma reflexão sobre a realização das atividades, observando as capacidades e estimulando e explorando as potencialidades de forma clara segundo as regras e funções da sociedade.

Os recursos didáticos podem fazer a diferença em uma aprendizagem pensada na participação dos estudantes, mas antes de buscar a solução para o efetivo do ensino, sem afastar o olhar das condições concretas de existência, necessita-se resgatar a figura do educador.

Nogueira (2016) afirma que a inclusão de recursos didáticos está ligada ao fortalecimento da autoestima do educador, o que beneficia tanto os estudantes surdos quanto os ouvintes. Nesse contexto, esses recursos desempenham um papel fundamental na compreensão e na formação sólida dos indivíduos.

Os educadores carecem de criar situações problemas, instigantes e provocativas, estimulando o raciocínio, a reflexão, a crítica e relacionando a realidade vivida do estudante, proporcionando a participação ativa nas aulas. Portanto, para que seja possível atingir o aprendizado de nossos estudantes, os educadores devem sugerir atividades diferenciadas acolhendo as várias formas de aprendizagem, tendo em vista as especificidades de cada sujeito (Almeida, 2017, p. 193).

De acordo com Cabral e Córdula (2017), quando o educador introduz na sala de aula recursos diferentes das metodologias tradicionais, criando um estilo inovador para motivar os alunos a entender o conteúdo, observa-se um aumento na interação e participação, impulsionados pela curiosidade em explorar novidades.

Pois, as metodologias dos recursos didáticos ao ensinar geografia devem aceitar que os estudantes se apropriem dos conceitos da disciplina e compreendam o método de produção e transformação do espaço geográfico que estão inseridos. Levando em consideração nesta metodologia as particularidades e diversidade existentes e as que os estudantes trazem com eles, desta maneira torna-se possível atingir todos os educandos em sala de aula ao utilizar-se de novas técnicas de ensino, adaptando-se e desenvolvendo a aprendizagem de todos os estudantes.

3. CONCLUSÃO

A assimilação do atendimento educacional no âmbito da educação inclusiva revela-se cada vez mais como uma prática indispensável para o desenvolvimento pleno de pessoas com deficiência. Quando se trata de estudantes com surdez, essa perspectiva torna-se ainda mais complexa, devido não apenas ao desconhecimento generalizado acerca da deficiência, mas também à insuficiência de profissionais devidamente capacitados para atuarem de forma específica no contexto educacional inclusivo.

A necessidade urgente de adequação e da formação contínua de profissionais especializados, como os guia-intérpretes, evidencia as fragilidades estruturais da educação inclusiva, sobretudo no atendimento a estudantes surdos. A escassez de profissionais capacitados para lidar com as múltiplas especificidades desses estudantes reforça a exclusão educacional, resultando na ausência significativa desses indivíduos no ambiente escolar, refletindo as lacunas na efetiva inclusão e atendimento de qualidade às suas necessidades.

Assim, constata-se que o grande desafio consiste em promover o conhecimento sobre a surdez e investir fortemente na formação de profissionais qualificados, capazes de atender às demandas educacionais desse público de forma diferenciada e personalizada. Cada pessoa com surdez apresenta particularidades que exigem abordagens educativas específicas. O desenvolvimento da linguagem para estudantes surdos, por exemplo, depende diretamente da aplicação de métodos adequados e da adaptação do processo pedagógico, possibilitando uma comunicação eficiente e o desenvolvimento de suas interações sociais e cognitivas.

Nos últimos anos, a inclusão de estudantes com necessidades específicas nas classes comuns do ensino regular tem se intensificado. A análise teórica e prática demonstrou a importância fundamental do ensino de Geografia nesse contexto, ao evidenciar como os conhecimentos geográficos podem contribuir para a conscientização do estudante surdo sobre seu papel como agente ativo nas transformações do ambiente em que está inserido. A Geografia, como ciência, desempenha um papel vital na formação crítica e cidadã, e para o estudante surdo, o entendimento desse saber é mediado pela interação com o intérprete, pelo contexto social e cultural em que está inserido, e pela adequação das práticas pedagógicas.

Entretanto, foi possível identificar que a utilização excessiva da Língua Portuguesa escrita e a ausência de atividades adaptadas comprometem o pleno entendimento dos conteúdos geográficos pelos estudantes surdos. A pesquisa atingiu seus objetivos ao investigar como o aluno surdo, que se comunica por meio da Libras, compreende os conceitos e as práticas da Geografia. Além disso, foi possível observar as diferentes dinâmicas de ensino em classes compostas por surdos e ouvintes, em comparação com classes exclusivamente formadas por surdos. Ficou evidente que a interação entre o estudante e o

intérprete é central para a assimilação das temáticas, e que o professor ouvinte deve estar sensibilizado para as necessidades específicas dos estudantes surdos.

Todavia a pesquisa também revelou que, quando o professor é surdo, a relação entre docente e estudante se intensifica positivamente, visto que a partilha de uma cultura comum facilita a socialização, promovendo um ambiente propício para que o estudante surdo expresse suas ideias com maior liberdade.

Em síntese, a pesquisa aponta para a necessidade urgente de continuidade nas investigações sobre a capacidade das escolas em atender plenamente às necessidades educacionais dos estudantes surdos, não apenas no ensino de Geografia, mas também em todas as disciplinas e nas diversas dinâmicas que compõem o cotidiano escolar. Apenas por meio de uma educação verdadeiramente inclusiva, será possível garantir o acesso equitativo ao conhecimento e a formação integral de todos os estudantes, respeitando suas especificidades e promovendo seu protagonismo no processo de aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Wolney Gomes (org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Scielo Books. Editus - Editora da Uesc. Ilhéus, BA, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/m6fcj>. Acesso em 21 de agosto de 2024.

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. Educação de excepcionais no periódico Mensagem da APAE (1963–1973): **uma pedagogia para a modelagem e ajustamento social**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 36, 222581, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/zTLgGckRz3zHkymyqctwZRK>. Acesso em 09 de dezembro de 2024.

BRELAZ, Dielson Canto et al. O ensino do estudante surdo: um estudo teórico nas práticas metodológicas do ensino de Geografia. **Revista Observatório de la economía latinoamericana**, Curitiba, 2023. v.21, n.12, p. 25977-26002 DOI: 10.55905/oelv21n12-136. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/2273>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

CABRAL, Rosangela de Melo; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. Os desafios no processo de alfabetização de surdos. **Revista Educação Pública**. ISSN: 1984-6290. DOI: 10-18264/REP. Fundação Cecierj. Rio de Janeiro 2017. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/5/os-desafios-no-processo-de-alfabetizacao-de-surdos>. p. 1-5. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

DA SILVA, Tadeu Vasconcelos; MOREIRA, Carlos José de Melo. Educação de surdos: reflexões sobre as diferenças culturais e identitárias. **Periódicos UEPA**. Revista Cocar. Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA. Belém, vol. 7, n.13, p.50-58. 2013.

DE ALMEIDA, Jacqueline Praxedes; ROCHA, Illana Silva; PEIXOTO, Sara Alcantara. Uma reflexão acerca do ensino de Geografia e da inclusão de alunos surdos em classes regulares. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 98-118, jan./jun. 2013. ISSN 2236-3904. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/113/93>. Acesso em 30 de outubro de 2024.

DE LIMA, Gabriel Emanuel Leite; GUERRA, Maria Daniely Freire; RIBEIRO, Emerson. **Ensino de Geografia e educação de surdos**: estudo de caso. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) da Universidade Regional do Cariri – URCA. ISSN 2675-1291| v2.0017. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-19, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8536>. Acesso em: 27 de agosto de 2024.

DOS REIS, Célia Ferreira. **Ensino de Geografia em escolas para alunos surdos**: desafios e perspectivas para a aprendizagem. 2017. 178 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geografia - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19711>. Acesso em: 24 de agosto de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Thalyta Corrêa Amaral et al. **Caso clínico hipotético**: diagnóstico tardio de surdez na escola. Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI), Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina. v. 1, n. 1, p. 50-66, 2024. Submetido em: 20 jul. 2023. Aceito em: 20 ago. 2023. Publicado em: 5 jan. 2024. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/riedsa/article/view/714/602>. Acesso em: 09 de dezembro de 2024.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 163-184, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SANDER, Ricardo Ernani. História da educação dos surdos no Brasil. **Portal do IFSC**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. p. 1-16. 2015. Disponível em: https://moodle3.ifsc.edu.br/pluginfile.php/657283/mod_resource/content/1/MORI_N~1.PDF. Acesso em: 19 de setembro de 2024.

NOGUEIRA, Ruth Emília (org.). **Geografia e inclusão escolar**: Teoria e práticas. 1. ed. Florianópolis: Edições do Bosque, 2016. 336 p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2016/09/Geografia-e-inclus%C3%A3o-escolar.pdf>. Acesso em: 07 de setembro de 2024.

NORBERTO, Livia Thaís Costa. **Geografia: como os alunos surdos à compreendem?** Sistema de Bibliotecas da UFMG. 63 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia). Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/imagem/00002a/00002a19.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

PASIAN, Mara Silvia; DA ROCHA, Luiz Renato Martins. A educação das pessoas surdas no Brasil: uma análise ao longo de 20 anos (2002-2022) após o reconhecimento da Lei de Libras. **Scielo Brasil**. *Educação em Revista*. v.39, e 40565. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469840565>. Belo Horizonte, 2023. p. 1-12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/Qqr4YJpLGLKncgGNG4RnWNG/>. Acesso em: 22 de agosto de 2024.